

## As linhas tortas da leitura no chão de Graciliano Ramos

Simone Cavalcante\*

O escritor Graciliano Ramos nasceu em Alagoas, no Nordeste brasileiro. Foi nesse lugar que ele estudou e se iniciou no mundo do trabalho e da palavra escrita. Fazem parte de sua formação intelectual as palmatórias recebidas do pai, Sebastião Ramos de Oliveira, e as lições pouco estimulantes de um ensino primário: “Aprendi a carta de ABC em casa, aguentando pancada. O primeiro livro, na escola, foi lido em uma semana, mas no segundo encrenquei”, ele mesmo confessa num artigo publicado na revista **Vamos Ler**, em 1939.

Graciliano poderia ter sido mais um nome nas estatísticas do fracasso escolar. Motivos não faltavam: as idas e vindas em várias escolas, o ambiente repressor e as mudanças constantes da família. Mas um encontro contribuiria definitivamente para sua formação: o acesso à biblioteca do tabelião Jerônimo Barreto, em Viçosa (AL). Em meio àquele deslumbramento, nasceria o leitor voraz de romances. Pegou emprestado primeiro **O guarani**, de José de Alencar, e daí foi tomando gosto por outras obras brasileiras e estrangeiras, passando a ler, escrever e estudar sozinho. Anos depois, morando no Rio de Janeiro, firmou sua caminhada literária alcançando a estatura de clássico da literatura nacional, com livros traduzidos em diversos países.

Durante a sua vivência em Alagoas, Graciliano dirigiu a prefeitura de Palmeira dos Índios (1928-1930), a Imprensa Oficial (1930-1931) e a Instrução Pública do Estado (1933-1936), equivalente hoje ao cargo de Secretário de Educação. Nessa fase, a disposição para a leitura e a escrita, iniciada no ambiente conturbado da infância, se consolida com a experiência do romancista.

Veza ou outra, o gabinete de trabalho virava escrivania: “Findo o expediente, sucedia retardar-me ali, a escrever, esquecia-me do tempo, e às vezes, meia-noite, o guarda vinha dizer-me que iam fechar o portão do Palácio”, sinaliza um trecho do livro **Memórias do Cárcere**. Até na gestão de prefeito se sobressai traços do literato, não é à toa que seus relatórios de prestação de contas, além de comprovarem a transparência e lisura no uso dos recursos públicos, continuam abertos a novas incursões.

---

\* Escritora, jornalista e produtora cultural, com mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Realiza palestras, formações e projetos de circulação literária. Junto com a jornalista e escritora Cláudia Lins, idealizou o “Ler é Minha Praia”, projeto de circulação literária voltado ao público infantojuvenil, realização do Portal Mundo Leitura e do Programa Leitura Viva Espaço Educar, em Maceió (AL). É autora dos livros infantis: **A cultura alagoana para crianças**, **Os segredos da mata**, **Bob no país das verdurinhas**, **Ventania e o mapa do tesouro** e, em parceria com Claudia Lins, **Sete histórias de amor e encantamento**.

A tessitura da obra literária ocupou um dos pontos centrais de sua existência. A escrita dos primeiros romances – **Caetés, São Bernardo e Angústia** – dividia espaço com os despachos burocráticos e as obrigações familiares. De modo algum, os papéis assumidos em casa e no trabalho sufocaram a imaginação criativa do ficcionista. Ao contrário, muitos fragmentos da realidade vivida aparecem reconfigurados na sua obra, constantemente tomada de personagens e cenários que desmascaram o atraso social, as injustiças, as desigualdades do mundo.

Além de escritor reconhecido, Graciliano se tornou uma referência de administração pública, sobretudo na área da educação. Quando diretor da Instrução Pública, ele costumava fazer inspeções de surpresa na rede escolar. E numa dessas visitas, flagrou uma escola sem aula e as professoras conversando na diretoria. Ao tomar conhecimento dos motivos, não teve dúvidas, autorizou a compra de sapatos e fazendas, tecidos, para a confecção de uniformes para os alunos. Ele mesmo pôs as mãos na massa, como revela o biógrafo Dênis Moraes, no livro **O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos**: “Relembrando a época da loja Sincera, ele próprio pegou a tesoura e cortou a fazenda, conforme as medidas. Com a ajuda de dois funcionários, embrulhou as peças, escrevendo em cada uma o nome dos alunos”.

Em **Graciliano: retrato fragmentado**, é seu filho Ricardo Ramos quem recorda o ímpeto do pai para transformar a dura realidade da educação. Veio dele as decisões modernizadoras de equiparar os salários das professoras da zona rural com os da capital e instituir concurso público obrigatório para as educadoras do ensino primário. Dentro de um contexto viciado pelo clientelismo e o tráfico de influências, ele foi aquela voz solitária que expôs algumas fragilidades do sistema de ensino. Uma delas foi a revelação de que a maioria do quadro docente do estado era formado de analfabetas. Conseguiu ampliar o acesso de mais alunos às escolas e oportunizou a algumas crianças negras o direito de frequentar a sala de aula, desafiando o preconceito vigente.

O cenário desses embates talvez ajude a compreender a atitude de encorajamento do gestor. A formação educacional de Alagoas nesse período era uma tragédia, basta ver as estatísticas levantadas, anos antes, pelo historiador Craveiro Costa, no seu livro **Alagoas 1931**. De uma população em idade escolar de 124.890 indivíduos, apenas 1.356 alunos concluíram o curso primário, naquele ano, e 36, o secundário. Havia carência de merenda, uniforme e instalações físicas adequadas nas 47 escolas municipais e nas 327 estaduais.

Movendo-se nesse contexto, Graciliano trabalhou intensamente na Instrução Pública. Em três anos de trabalho, reformou parte dessas escolas ao tempo em que iniciou a construção de novas sedes em Maceió e no interior. Chegou a triplicar o material escolar, ampliar o acesso à merenda e garantir a entrega de uniformes para meninos e

meninas que mal tinham como se vestir em casa. As vagas subiram com a instituição do regime de turnos e houve menos evasão dos alunos. Até uma biblioteca foi inaugurada no grupo Diégues Júnior. Em pouco tempo, ele fez uma pequena revolução nas engrenagens administrativas da educação, algo impensável para a época.

### **Os ambientes de leitura do século XXI**

Mais de 80 anos nos separam da experiência quixotesca do Mestre Graça como administrador público e de sua promissora iniciação à vida literária. Fruto de um sistema educacional marcado pelo fracasso, Graciliano foi uma exceção. Ele e alguns conterrâneos, como Jorge de Lima, Nise da Silveira, Aurélio Buarque de Holanda, Arthur Ramos, tiveram a sorte de escapar das estatísticas dos que ficaram fora da escola ou que não concluíram sequer o ensino primário em Alagoas e entraram para a história com a escrita de seus livros, obras-primas da Literatura, Psicologia, Filologia e Sociologia brasileiras.

Muitos valores e prioridades se reformularam no campo da educação, para o bem ou para o mal. Hoje a população escolar do ensino básico, em Alagoas, está em torno de um milhão de estudantes, dez vezes maior que na década de 30. O acesso a vagas nas escolas saltou consideravelmente, mas não acompanhou a rapidez do crescimento populacional. Ainda tem muita criança e jovem fora da sala de aula, além do alto índice de analfabetismo, o pior do país. Um cenário no qual ainda respingam as marcas da pobreza intelectual e econômica denunciadas no romance **Vidas Secas**, uma das obras mais lidas do escritor.

Então fui tomada por alguns questionamentos: como as crianças e os adolescentes em idade escolar de hoje tomam gosto pela leitura? A situação seria bem diferente daquela experimentada pelo menino Graciliano? Aí decidi seguir as trilhas cronológicas do escritor, numa espécie de viagem de retorno a Quebrangulo, Viçosa, Palmeira dos Índios e Maceió, em Alagoas. O propósito? Saber como anda o ambiente do livro e da leitura literária nessas cidades, sobretudo nas escolas públicas de Ensino Fundamental, o equivalente ao antigo primário.

De início, deparamos com um grande obstáculo: Alagoas tem o pior Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) do Brasil. O que o índice leva em consideração? Os dados do Censo Escolar sobre aprovação e a média de desempenho em língua portuguesa e matemática dos estudantes, alcançados nos testes da Prova Brasil e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). A cada dois anos, técnicos do Ministério da Educação (MEC) aplicam os testes nas escolas de todo o país. A prova de português explora as diferentes possibilidades de gêneros textuais, trazendo

fragmentos de histórias e poesias infantis, quadrinhos, associados a questões interpretativas.

As avaliações exigem um alto grau de compreensão dos alunos e dá para imaginar o quanto o exercício da leitura literária entra em jogo nessa conta. “Não é só decodificar o enunciado, os alunos precisam refletir e interpretar as questões, e a leitura de livros paradidáticos é a base para um bom desempenho. A única coisa que critico no teste é a presença de algumas cascas de banana que só confundem e dificultam a compreensão, devido aos diferentes níveis de aprendizado dos alunos”, enfatiza a professora Maria Amélia Granja Costa ao falar sobre o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) da Escola Municipal Profª Elma Marques Curti, onde trabalha. Localizada em Benedito Bentes, um dos bairros mais populosos e violentos de Maceió, a escola tem a nota 5,7, a mais alta da capital.

Por outro lado, as escolas da rede estadual, agrupadas em 13 Coordenadorias Regionais de Educação (CRE), sob a orientação da Secretaria de Estado da Educação, vêm colocando em prática várias ações de mediação de leitura. “Nas Ondas da Leitura” foi um desses projetos e, na primeira edição, em 2011, distribuiu 15 mil *kits* com 12 volumes das obras do Ziraldo e seus amigos (Editora Melhoramentos). Em sua segunda versão, em 2013, o projeto disponibilizou 100 mil *kits* de livros de diversos autores para as escolas da rede, tendo como culminância uma publicação com textos escritos pelos próprios alunos. A proposta pedagógica, contratada numa parceria entre o estado e a Imeph, é amplamente replicada pela editora em vários municípios brasileiros.

O projeto “Leiarte” surgiu com o foco na relação entre literatura e arte e utilizou o acervo de livros do projeto “Tendas do Saber”, um tipo de biblioteca volante. Segundo dados da Gerência Integrada Comunidade e Escola (Geico), todas as escolas receberam esse acervo, no total de 310 unidades, além de um kit destinado a cada CRE. As dezenas de oficinas do projeto Leiarte buscaram incentivar a leitura literária associada à linguagem das artes visuais, como a ilustração, o desenho, a pintura.

Entre os objetivos desses projetos, é coincidente a necessidade de se superarem os baixos índices registrados no Ideb. Mas não estão claros quais os critérios de avaliação dos resultados dessas ações. Segundo dados do Ideb 2013, nenhuma escola estadual alcançou a média 6, prevista como uma das metas do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), a ser atingida por todas as escolas brasileiras até 2020, e muitas delas estão abaixo de 3 ou nem sequer pontuaram no índice, por não atenderem às exigências mínimas necessárias.

Os municípios, por sua vez, seguem políticas diferenciadas no que se refere à leitura. Algumas secretarias municipais de educação investem em recursos humanos,

apostando na formação do professor, incluindo nela o tema da mediação literária. Praticamente, não há investimento na compra de obras para as escolas. E todas as escolas são dependentes das diretrizes nacionais, como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), o programa Mais Educação e o Pacto de Alfabetização na Idade Certa (Pnaic), do Ministério da Educação (MEC), para garantir a circulação de um amplo acervo de livros e a formação continuada dos educadores. Há também municípios que realizam parcerias com outros ministérios, criando espaços de leitura complementares à escola, como o Baú de Leitura e a Arca das Letras.

A par dessas orientações, tem início agora nosso roteiro de viagem.

### **Primeira rota. BR 316. AL 210. Quebrangulo**

As santas-cruzes à beira da estrada alertam os perigos do caminho. Entre subidas e descidas, atravessando curvas sinuosas e pastos verdejantes, chegamos a Quebrangulo, terra natal de Graciliano Ramos. Vizinha à sede da prefeitura, a casa onde o escritor viveu os três primeiros anos de sua infância parece congelada no tempo, com sua fachada de uma porta e quatro janelas, já desfigurada, voltada à Praça Getúlio Vargas. Com pouco mais de 11 mil habitantes, a cidade possui hoje uma biblioteca pública, 19 escolas municipais e uma estadual. A biblioteca leva o nome do escritor, um dos mais lidos do Brasil, mas, ironicamente, por lá se registram poucos usuários de livros, em média 50 por mês.

O município responde sozinho pelo ensino fundamental, com a extinção recente de turmas do oitavo e nono anos da Escola Estadual Elza Soares Cavalcante. Segundo informação da Secretaria Municipal de Educação, as escolas não possuem biblioteca, mas há preponderância dos cantinhos de leitura formados por livros do PNBE. Toda semana, as educadoras se encontram para planejar suas ações, orientadas pela Secretaria de Educação do município. O planejamento inclui a seleção de livros de literatura a serem utilizados na prática pedagógica, associada aos projetos interdisciplinares de cada faixa escolar. Grande parte do incentivo à leitura acontece nas aulas de Língua Portuguesa.

Na Escola Municipal Antonio de Oliveira Santos, a de maior nota no IDEB (4,6), os cantinhos são vistos em todas as salas de aula, dentro de cestos de palha ou dispostos em mesas de apoio, e até mesmo no pátio. “A leitura é eixo norteador da escola”, assegura Maria Selma Santos de Lima, coordenadora pedagógica. Com 25 anos de magistério, ela subverte sua infância sem livros, garantindo que os 163 alunos dos primeiros anos do fundamental leiam e escutem histórias, a partir do projeto **Curtindo a leitura**.

No projeto, elaborado na própria escola, por livre escolha, duas crianças por vez levam para casa uma obra de literatura dentro de uma mala customizada, partilham o enredo com a família e depois socializam a narrativa com os colegas de turma. A proposta assegura a grande parte dos familiares o primeiro contato com o livro. “Ainda sonho com uma formação para os pais”, sugere a coordenadora como meio de envolvê-los mais no processo de aprendizado e no incentivo ao hábito de ler dos filhos.



Contação de histórias no pátio da Escola Municipal Antonio de Oliveira Santos, Quebrangulo (AL).

A escola fica no conjunto habitacional Frederico Maia Filho, ambos inaugurados em 2012, após uma enchente que devastou Quebrangulo e municípios vizinhos. A maioria dos que vivem ali é analfabeta, em condições de vulnerabilidade. “Uma vez um aluno problemático, ao folhear um livro e ver a ilustração de uma melancia, começou a chorar. Questionei o porquê, aí ele veio com a resposta: — Eu tô com fome, desde ontem que não como”, lembra a educadora. Mais adiante, se referindo à tarefa de educar e incentivar a leitura num ambiente social ainda hostil, ela complementa: “E além do trabalho de ensinar, a gente ainda precisa humanizar o humano”.

## Segunda rota. BR 316. AL 210. Viçosa

Seguindo a estrada, os pontilhos se destacam no infinito da paisagem: bois no pasto rodeados por garças brancas e um céu azul e cinza, sinal de chuva. De vez em quando uma placa abandonada — pare, olhe, escute — revela os trilhos semicobertos por extensas plantações de cana, por onde trafegavam as antigas locomotivas da Great Western Railway. Quilômetros depois, casas, prédios históricos e o rio Paraíba descendo ligeiro no seu leito pedregoso.

Chegamos ao segundo destino de nossa viagem, Viçosa, onde Graciliano passa a morar até o início da sua adolescência, depois que retorna de Buíque, sertão de Pernambuco. Aos 11 anos de idade, ele escreveu seu primeiro conto — “O pequeno pedinte” — divulgado no jornal **O Díficilo**, que significa “alvorada do dia”. O agente de correio Mário Venâncio era um dos redatores da publicação e um grande incentivador de sua carreira. Na casa 25 da rua da Igreja Matriz, Graciliano passava horas do dia alinhavando seus primeiros escritos e lendo romances nacionais e estrangeiros. Às descobertas literárias realizadas no acervo da escola e da biblioteca do tabelião Jerônimo Barreto se somavam as remessas que encomendava às livrarias Francisco Alves e Garnier, do Rio de Janeiro.

A cidade hoje, com 25.407 habitantes, não possui livraria, e a biblioteca pública municipal, com aproximadamente 4 mil títulos, está funcionando de forma improvisada no prédio de uma escola de música. Localizado na velha estação de trem, o Baú de Leitura, mantido pela prefeitura, parece ser o espaço menos comprometido no atendimento ao público. Há 15 anos, a instituição vem estimulando a mediação da leitura, com a consulta a seu acervo e a contação de histórias, embora necessite de melhorias na sua estrutura física. À porta da instituição, as esculturas metálicas de nomes provocativos, do artista Ronaldo Aureliano, incitam o povo à reflexão: *status quo*, causa submissa.

Na rede pública de ensino, com 27 escolas municipais e 3 estaduais, os projetos de biblioteca escolar estão distantes dos padrões orientados por órgãos como o Conselho Nacional de Biblioteconomia: espaço de, pelo menos, 50m<sup>2</sup>, sistematização de acervo, mobiliário compatível com o número de alunos da maior turma e pessoal técnico capacitado.

As três escolas visitadas — a estadual Monsenhor Machado e as municipais Pedro Carnaúba e Maria Nazaré Batista — funcionam sem biblioteca nos padrões mínimos recomendados. Em seu lugar, há salas de leitura mal aparelhadas. Os acervos de literatura, a maioria do PNBE, estão dispostos nas estantes sem catalogação e misturados a livros didáticos. Nos espaços físicos limitados ou utilizados para outros fins, não existem funcionários fixos para a guarda, manutenção e mediação do acervo.

Na maioria do tempo, esses espaços são subutilizados ou estão de portas fechadas, e a retirada dos livros só acontece sob a responsabilidade de um professor ou do diretor da escola.



Escultura de Ronaldo Aureliano, Biblioteca Municipal de Viçosa (AL).

Na Escola Municipal Maria Nazaré Batista, uma enchente que ocorreu em 2010 adiou os planos, mas não apagou o sonho dos professores de ter uma sala de leitura funcionando plenamente. Uma sala de aula foi desativada para abrigar o que restou do acervo e novos livros e mobiliários vêm, aos poucos, sendo adquiridos com verbas do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) e do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE).

Sem perder de vista o ensino das matrizes curriculares, o caminho encontrado pela escola foi associar as aulas às rodas de leitura, aos projetos com gêneros literários e aos empréstimos supervisionados. Com a nota 4,1, a instituição ocupa, hoje, o primeiro lugar no Ideb de Viçosa. “Já vemos algumas mães pegando com os professores livros do acervo da nossa sala para ler com os filhos em casa”, é o exemplo dado pela diretora, Marta Pontes Carnáuba Santos, para demonstrar um dos resultados alcançados. Vale destacar que o acervo enviado pelo PNBE tem alto padrão estético e visual, com textos de referência nas áreas de literatura e formação do professor.



O estudante Frankêisson Pereira da Silva, 16 anos, frequenta a Escola Estadual Monsenhor Machado e raramente tem acesso ao espaço reservado à biblioteca escolar, que funciona improvisadamente. Segundo ele, os livros do acervo são incompatíveis com os gêneros que gosta de ler atualmente: livros de saga, com histórias misteriosas e fantasmagóricas. O hábito de ler, despertado pelos empréstimos feitos a uma amiga, é impulsionado pelo incentivo financeiro da mãe. Sem opção de livraria, ele costuma comprar livros pelo catálogo Moda & Casa da Avon, e só uma vez encomendou um título pela internet.

Desafiado a escrever um conto, intitulado **O sofrimento da flor**, quando estudava em outra escola da rede, Frankêisson se aventurou nos primeiros exercícios de literatura. Agora vem tentando produzir um romance, com a ajuda de quatro amigos: um deles pesquisa o tema, outro digita e os demais escolhem na cidade pessoas críticas para ler e sugerir mudanças nos capítulos. Ele já criou, intuitivamente, um método de escrever a trama, baseada na relação entre uma garota e um garoto com Síndrome de Down. “Nunca li nenhum romance que tivesse um down como personagem, então me interessei pelo tema”, revela entusiasmado.

A diretora do Monsenhor Machado, Elisângela Rodrigues de Oliveira Lima, tem orgulho da vocação literária do estudante e lamenta a situação do ambiente de leitura na escola. Com uma rotatividade grande de monitores e três professores de português para atender 11 turmas, há dificuldades para se manter o espaço aberto todos os dias. Cada professor então se encarrega de ir até lá quando precisa utilizar os livros, controlando os empréstimos num caderno. Fixada à porta da biblioteca, a frase “A leitura engrandece a alma”, de Voltaire, talvez seja um estímulo para a tarefa.

Mesmo diante da falta de recursos humanos, os livros continuam sendo enviados pelo MEC e pela própria Secretaria de Estado da Educação. Um exemplo disso aconteceu em 2013, com a chegada da Tenda do Saber na escola. O *kit*, formado por uma tenda, 12 cadeiras de plástico tamanho infantil e quatro baús contendo livros infantis, jogos de madeira, revistas, CDS e até cartas de tarô, está até hoje intacto.

“As escolas daqui não estão preparadas para trabalhar com a tenda da leitura”, desabafa Elisângela. O único manual de instrução que a escola recebeu foi o de montagem da tenda. Fora isso, chama a atenção o fato de o acervo do *kit* ser incompatível com a faixa etária atingida pela instituição, que só atende estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental até o Médio e o Normal, ou seja, um público juvenil e adulto, entre eles o iniciante escritor Frankêisson.

O caso extremo é o da Escola Municipal Pedro Carnaúba. O local reservado ao acervo está fechado desde que o funcionário responsável saiu de licença. Maria Cilene da Silva, coordenadora pedagógica, abriu a sala durante a visita e o cenário era

entristecedor. O cheiro de mofo tomava o pequeno ambiente, onde livros, de boa qualidade literária, “adormeciam” nas estantes de ferro, à espera de leitores. Lá fora, no pátio, centenas de adolescentes perambulando pelos corredores, inquietos. A previsão é que a sala fique fechada por seis meses, mesmo com as demandas de projetos, como o do folclore, que envolverá toda a escola e seria enriquecido pelo empréstimo dos textos ficcionais.

Durante toda a visita pela cidade, ouvia-se o pipocar de fogos de artifício. Festa fora de época? Procissão? Já de saída, descobrimos que o motivo era outro. Protesto na praça. Um grupo de manifestantes, com a faixa “Acorda, Viçosa”, convidava o povo a lutar pelo retorno dos investimentos do município nas atividades esportivas das escolas. “Esporte é educação”. Por coincidência, ao passarmos em frente à escola Pedro Carnaúba, deparamos com uma placa de convênio decaída, com prazos vencidos, que anunciava a futura construção de uma quadra coberta. Placar lamentável. Zero a zero para o esporte e para a leitura.

### **Terceira rota. BR 316. Palmeira dos Índios**

O trecho da estrada em linha reta anuncia a proximidade do destino. De longe, avista-se, no alto da Serra do Goiti, a estátua do Cristo Redentor, com seus braços abertos. Quilômetros adiante, a cabeça de Graciliano Ramos esculpida, em linhas tortas, dá às boas-vindas ao viajante. Chegamos a Palmeira dos Índios, também conhecida como a terra dos Xucurus, em homenagem ao povo indígena Xucuru-Kariri que resiste a mais de cinco séculos à exploração territorial da região. Dos 70.368 habitantes, aproximadamente 3 mil são remanescentes indígenas.

A Casa-museu Graciliano Ramos é muito procurada, registra visitantes de todo o país e até do estrangeiro, apesar da ausência de um projeto museográfico moderno e interativo. Ao entrar na casa, dá para imaginar Graciliano, vestido num robe de chambre e na companhia da caneta-tinteiro e dos cigarros Selma, escrevendo **Caetés**, seu primeiro livro. E logo me vem à lembrança um trecho em que ele descreve ficcionalmente uma saga indígena: “Para os lados do Xucuru, meia dúzia de luzes indecisas, espalhadas. Aquilo há pouco tempo era dos índios. Outras luzes na lagoa, que foi uma taba. No tanque, montes negros como piche. Ali, encontraram, em escavações, vasos de barro e pedras talhadas à feição de meia-lua. Negra também, a Cafurna, onde se arrastam, miseráveis, os remanescentes da tribo que lá existiu.”



Biblioteca Graciliano Ramos, Palmeira dos Índios (AL).

Bem perto da Casa, a velha estação de trem abriga os 30 mil volumes da biblioteca municipal, que leva o nome do escritor. Logo na entrada, uma sala especial preserva da poeira e do esquecimento **Caetés** e os demais romances. A biblioteca abre diariamente, até nos feriados, das 9 às 17h, e recebe, em média, 900 usuários por mês, a maioria estudantes da rede de ensino. Talvez um modelo de atendimento único em todo o estado. A existência de uma livraria, a Tenda Cultural, mantém a população conectada aos lançamentos editoriais. Em 2014, a empresa, em parceria com o Instituto Federal de Alagoas, organizou o I Festival do Livro Infantojuvenil de Palmeira dos Índios, a Flijupin.

Há 27 escolas municipais e 19 estaduais, incluindo as indígenas, em atividade na cidade. O professor José Tenório França está à frente da terceira Coordenadoria Regional de Educação, que abrange as escolas estaduais de Palmeira dos Índios e Quebrangulo. No início do ano, França ocupou o cargo, em razão do bom desempenho no Ideb alcançado pela escola que dirigiu, a Antonio de Oliveira Santos. Para ele, a leitura é necessária em todas as etapas do projeto pedagógico e deve fazer parte da vida cotidiana do educador. Na entrevista por telefone, afirmou ser um leitor assíduo, dedicando-se agora à fruição do livro **O pequeno príncipe**, do escritor francês Saint-Exupéry.

Localizada numa região de altos índices de violência, a Escola Municipal Maçonaria, criada há 40 anos, vem crescendo sua pontuação nas três últimas aferições do Ideb, mas sem ainda alcançar as metas projetadas pelo MEC. Para a diretora, Maria Meireles de Souza Lima, e a coordenadora pedagógica, Ana Maria de Barros, as ações de leitura ocupam um lugar de destaque nos avanços obtidos. O projeto **Um mar de palavras** foi criado na escola e utilizou o reconto no letramento, atento ao compromisso do Pnaic de que toda criança seja alfabetizada até os 8 anos de idade. Diariamente, os alunos são estimulados a ler, pegando livros numa estante abarrotada que fica no corredor, o ponto de leitura, e nos cantinhos espalhados na sala de aula.

Os professores trabalharam por conta própria as duas edições passadas do projeto “Nas Ondas da Leitura”. “Não recebemos capacitação nenhuma para o uso do acervo”, afirma Ana Maria. Ela ainda lembra o sacrifício enfrentado para conseguir, dois anos atrás, a Tenda do Saber. “Só depois de muita insistência nossa, quando houve uma infiltração na CRE, é que os técnicos liberaram o *kit* para a escola”. As centenas de livros desse projeto estão hoje misturados aos títulos do PNBE, desvinculados da proposta inicial de biblioteca volante sugerida no lançamento do projeto em 2003. O espaço físico da escola é limitado, não existe pátio coberto, a exposição externa tornaria o acervo vulnerável às intempéries.

Os problemas de infraestrutura não são obstáculos para a Escola Municipal Gerson Jatobá Leite, apontada pela Secretaria de Educação de Palmeira dos Índios como uma referência em leitura. A nova sede recém-inaugurada é impecável, com amplas salas de aula, quadra coberta e espaços de convivência atrativos. Mas em matéria de letramento, a sala de leitura é pequena, tem obras abaixo do quantitativo de alunos e funciona sem bibliotecário, caminhando na contramão da Lei Federal 12.244, de 2010, de que todas as escolas brasileiras tenham biblioteca até 2020. Sem a presença diária de um profissional responsável, o espaço recebe a visita mais frequente de crianças, acompanhadas pelos professores, para degustar o acervo formado, em grande parte de livros infantis; quando pela escola, circulam 1.109 estudantes, entre os quais adolescentes.

Na ausência de um programa literário capaz de movimentar toda a escola, quem cursa o Fundamental II é estimulado por alguns professores a travar encontros com as narrativas e os textos poéticos. Nas aulas de português, a professora Luciana de Almeida Lopes costuma realizar o rodízio de livros e contar o conteúdo das primeiras páginas de uma história, instigando a curiosidade da turma para a continuação da leitura. Em alguns projetos, ela também estimula a aquisição do livro pelo aluno na tentativa de motivá-lo a formar seu acervo pessoal. Entre as obras mais lidas pelas turmas de 8º e 9º anos se destacam *best-sellers*, como a saga **Crepúsculo** e a trama **A culpa é das estrelas**, romances estrelados no cinema e que alcançaram um grande impacto no segmento juvenil no Brasil e no exterior.

#### Quarta rota. BR 316, AL 101 Sul. Maceió

Depois de percorrer Palmeira dos Índios, Quebrangulo e Viçosa, chegamos a Maceió, capital de Alagoas, última rota dessa viagem. Os coqueirais, os manguezais e o cheiro da maresia formam uma paisagem peculiar, cercada de mares, lagoas e de um riacho morto, o Salgadinho, que atravessa a cidade do alto a baixo. O nome da cidade vem do tupi – *Massayó-k* – “o que tapa o alagadiço”, uma referência aos aterramentos de rios, lagoas e praias, marcas da ocupação urbana desse território.

Por duas vezes, Graciliano viveu em Maceió. Na primeira, de 1905 a outubro de 1910, foi como estudante do Colégio 15 de Março, um internato dirigido pelo professor Agnelo Barbosa. Na segunda, nos anos 1930, ocupou os cargos de diretor da Imprensa Oficial e da Instrução Pública de Alagoas. A sala de jantar da casa onde morou próximo à praia de Pajuçara, na antiga Rua da Caridade, seria outro ambiente de elaboração do enredo de **Angústia**, relembra o escritor em **Memórias do Cárcere**: “Na casinha de Pajuçara fiquei até a madrugada consertando as últimas páginas do romance. Os consertos não me satisfaziam: indispensável recopiar tudo, suprimir as repetições excessivas”.

Nessa época, a população se concentrava no Centro, onde havia alguns lugares de encontro da intelectualidade. Um deles era o Ponto Central, um café charmoso, na esquina da Rua do Comércio com a do Livramento, onde Graciliano se encontrava para conversar sobre literatura e assuntos do cotidiano com os escritores Jorge de Lima, Aurélio Buarque de Holanda, José Lins do Rêgo, Rachel de Queiroz. Os bate-papos se davam também na editora e livraria Casa Ramalho, que colocava à venda em suas vitrines livros de autores locais e publicações nacionais, como foi o caso de **Angústia**. Maceió se tornou, assim, o ponto de encontro dos três maiores romancistas da prosa regionalista de 1930.

Hoje, com a expansão urbana, a cidade possui cafés, uma dezena de livrarias e três editoras, espalhados em bairros mais afastados desse núcleo central. O Centro perdeu seu posto principal, mas nele ainda se mantém, resistente ao tempo, uma das bibliotecas públicas da capital. Criada em 1865, a biblioteca estadual passou, recentemente, por uma reforma que durou quatro anos, sendo reinaugurada, em 2014, com o nome de Graciliano Ramos. Seu acervo, com 70 mil volumes, está distribuído em salas de literatura brasileira, literatura alagoana, raridade e braile.

A biblioteca pública municipal, fundada no ano de 1994 em Jaraguá, também presta uma homenagem ao escritor, estando agora de portas fechadas pela ausência de bibliotecário. Os acervos do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, com mais de 15 mil obras, e do Serviço Social do Comércio (Sesc), com a marca de 20 mil títulos, estão abertos à consulta gratuita. São essas as principais bibliotecas, concentradas

numa área de proximidade, que servem a uma população de um milhão de habitantes, distribuída nos 50 bairros da capital.

Os problemas de mobilidade urbana e as disparidades sociais impedem que a maioria da população escolar da capital frequente essas bibliotecas. Para muitos, os acervos das escolas públicas se tornam uma das principais vias de acesso ao universo encantado da leitura. Daí a importância dos livros de literatura do PNBE, enviados a todas as unidades públicas de Ensino Fundamental em Maceió. O mesmo não se pode dizer da biblioteca escolar, ainda longe de ser um direito amplamente assegurado.

As 95 escolas públicas municipais estão em processo de formação de suas bibliotecas escolares. A partir de 2013, a Secretaria de Educação adquiriu, com recursos próprios, mobiliários para compor a biblioteca de 70 escolas, mas a implantação ainda está em andamento. Além dessa iniciativa, o ônibus-biblioteca Estação Saber oferece serviços de consulta a livros e jogos educativos em visitas itinerantes, onde fica estacionado em frente às unidades educativas.

Para Cristina Rezende Moreira Barbosa, coordenadora do Sistema de Bibliotecas Escolares do Município, seu trabalho “está focado em mudar a cara das bibliotecas no que diz respeito aos ‘depósitos’ de livros. Esse é o primeiro passo. O segundo passo é tirar os livros das caixas e/ou das salas de diretores que se acham donos deles”. A coordenadoria oferta cursos de formação para dinamizadores de leitura com o objetivo de capacitar professores, antes afastados da sala de aula e agora readaptados ao contexto escolar, para assumirem atualmente esses espaços. Por enquanto, só existem três bibliotecários concursados em atividade nas escolas e não se sabe ainda quantas vagas serão destinadas às futuras contratações.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof<sup>a</sup> Elma Marques Curti, que visitamos, aguarda a implantação de uma biblioteca. Enquanto isso, as seis pequenas salas de aula se transformam em sala de leitura, com seus cantinhos e varais. Na turma da professora Sônia Torres dos Anjos, há um varal com obras literárias para consulta toda semana. “Os livros precisam ficar disponíveis como na vitrine, a criança tem que pegar, trocar, levar pra casa”, afirma Sônia, que deve parte de sua formação ao estímulo à leitura recebido dos pais semianalfabetos. Nas quintas literárias, há espaço para debates e releituras orais e ilustradas. De vez em quando, as bancas são encostadas nas paredes, deixando o caminho livre para as crianças sentarem em volta dos livros. A contação de histórias e os empréstimos já se tornaram uma rotina para os estudantes do 1º ao 5º ano.



A professora Sônia Torres dos Anjos apresenta livro aos alunos da Escola Municipal Prof<sup>a</sup> Elma Marques Curti.

A quilômetros dali, também no bairro de Benedito Bentes, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Elisabeth Anne Lyra Lopes de Farias tem uma das maiores estruturas físicas da rede. Esse foi um dos motivos levados em consideração para a transferência do acervo da biblioteca comunitária Nádia Fernandes Amorim, que existia desde 2003. Há três meses uma equipe, coordenada pela pedagoga e bibliotecária Maria dos Santos Cavalcante Vasconcelos, vem catalogando os livros dentro das normas de classificação universal. Após a inauguração, o espaço com mais de 50m<sup>2</sup>, 5 mil títulos e uma reserva técnica, funcionará como uma biblioteca escolar e, futuramente, será aberta à comunidade. A proposta é que nos horários de baixo fluxo de alunos, os moradores do bairro possam usar o acervo para a leitura e pesquisa.

Até então, os cantinhos de leitura vinham sendo uma das primeiras janelas de contato com os livros. Nitiene Batista trabalha há sete anos na escola e nos últimos três se dedica a colocar em prática o aprendizado das oficinas do Pnaic. Durante as leituras sequenciadas, ela conta a história do livro de literatura, explora-o como objeto, falando de seus elementos visuais, aprofunda o tema construindo relações com o cotidiano das crianças e faz algumas conexões com os assuntos vistos na sala de aula. O método aplicado se baseia nas orientações dos kits fornecidos pelo programa, de acordo com as faixas de ensino. “É preciso que os professores não contentem em

possuir apenas os cantinhos de leitura e vejam a biblioteca como parte fundamental do processo educativo”, insiste Cristina Rezende, da coordenação de bibliotecas da rede, ao enxergar no novo espaço um grande vetor para o desenvolvimento intelectual dos alunos e da comunidade.

A rede escolar estadual ainda não está coberta em sua totalidade por bibliotecas. É o caso da Escola Estadual Santa Tereza D’Ávila, a de maior Ideb (5,2) das escolas estaduais da capital. Localizada no bairro de Santo Amaro, a unidade escolar atende 215 alunos do Fundamental I e armazena seu acervo numa pequena sala, apelidada carinhosamente de Beco da Leitura. O controle dos empréstimos é feito de forma voluntária por uma funcionária de serviços gerais que anota, uma vez por semana, os nomes dos usuários. Depois de lidas, as histórias viram recontos orais e escritos, guardadas como memória em fichas de registro e num livro produzido artesanalmente uma vez por ano. Esse acervo, bem como os títulos da Tenda do Saber, movimenta-se por meio do sistema de emprestoteca e dos projetos de leitura.

Marina Alessandra do Nascimento Maranduba tem 6 anos de idade, cursa o 2º ano e é uma das leitoras mais assíduas da escola. “O livro para mim é felicidade!”, responde Marina, com um largo sorriso, à pergunta sobre o que representa o livro na sua vida. Quando ela faz alguma traquinagem na aula e até mesmo em casa, um dos castigos usados pela professora ou pela mãe é impedir seu contato com os livros.

A proibição tem grande significado na sua vida. Desde bebê, Marina foi estimulada a ouvir histórias, hábito que se estende até hoje graças, sobretudo, ao estímulo à leitura recebido da mãe, Rosângela Silva do Nascimento, 32 anos, que alfabetizou a filha antes de sua iniciação à vida escolar. Na sua residência, uma caixa de papelão coberta de papel decorado é a “biblioteca” particular da menina. Vez ou outra, quando fica enjoada de tanto ler, ela costuma doar exemplares para o acervo da escola.

Sempre que pode, a mãe compra livros e gibis para Marina e alguns são devorados antes mesmo de chegar em casa. Os títulos são adquiridos em lojas de departamento, livrarias e em feiras literárias, como a Bienal Internacional do Livro de Alagoas, promovida pela Editora da Universidade Federal (Edufal). Rosângela confessa ter conquistado o hábito da leitura somente há dez anos. Vinda de um ensino precário em escolas do interior do Ceará, conta que muitas vezes ia à aula com os pés descalços, sem uniforme, e um caderno debaixo do braço, que era compartilhado com os irmãos.

Ela recorda, emocionada, das histórias que ouvia de uma professora no jardim da infância. “Um dia, quando era adolescente, uma pessoa diferente entrou na sala onde eu estudava, e eu estava de cabeça baixa. Ao ouvi-la falar, meu coração começou a bater forte, meus olhos se encheram de lágrimas. Levantei a cabeça e não reconheci sua fisionomia, mas no final, descobri, pela doçura da sua voz, que era a mesma



professora do jardim. Os professores ainda não têm ideia do efeito que uma história contada causa numa criança”. Naqueles instantes de fantasia, ela esquecia as dificuldades da vida e penetrava em mundos diferentes, sensações bem parecidas às que sente agora na pele de leitora adulta: “Aprendi com os livros a conhecer o ser humano, respeitar o outro e expor o que há de melhor em mim”, revela.



A menina Marina e sua mãe, Rosângela, lendo livro doado à escola onde estuda.

Hoje estudante de Serviço Social e funcionária pública, Rosângela considera o acesso aos livros e ao conhecimento mais avançado que antes. Mas para ela, apesar desses avanços, houve um recuo na participação dos pais no processo de acompanhamento dos filhos, a maioria é mais instruída e menos presente na formação das crianças. “A educação não é função exclusiva da escola, é preciso que os pais assumam também suas responsabilidades, incentivem à leitura autônoma, gerando autoconfiança nos filhos”, enfatiza Rosângela, um dos pontos fora da curva.

### **Fim da viagem, para onde corre o rio dessas histórias incompletas?**

Se o escritor Graciliano Ramos pudesse estar vivo, que leitura faria dessa viagem de retorno? Que impressão teria de uma realidade na qual merenda, uniforme, material escolar e livro tivessem deixado de ser os maiores problemas do administrador

público? E o que diria da persistência de velhos problemas: reivindicação salarial, evasão escolar, analfabetismo? Repetiria o mesmo tom de descrença do seu segundo relatório de prefeito: “Não creio que os alunos aprendam ali grande coisa. Obterão, contudo, a habilidade precisa para ler jornais e almanaques, discutir política e decorar sonetos, passatempos acessíveis a quase todos os roceiros”? Ou encontraria algum motivo de que se orgulhasse?

Quando Graciliano assumiu a Instrução Pública de Alagoas, em 1933, já haviam passado pelo cargo oito diretores. Em pleno século XXI, a história se repete. Nos últimos 15 anos, o equivalente a quatro mandatos de governo estadual, já ocuparam o cargo de Secretário de Estado da Educação, 15 gestores, ou seja, um para cada ano. O exemplo da capital não fica para trás. No mandato de oito anos de um único prefeito, 13 secretários ocuparam o posto, alguns tão fugazes como um lampejo. Aí surge a grande dúvida: é possível implementar ações universais de acesso e fomento ao livro e à leitura na rede de ensino diante de um quadro político tão descontinuado?

E uma pergunta leva a outras: Quem seleciona os livros para os projetos de leitura adquiridos com os recursos próprios da rede pública de Educação, são os técnicos ou as regras do mercado editorial? Quem elabora a proposta pedagógica desses grandes projetos de circulação literária nas escolas? Como são avaliadas essas metodologias? Como os livros do PNBE, escolhidos criteriosamente por especialistas da área de literatura e educação, estão sendo usados? Os professores são capacitados continuamente para a mediação literária? E como os demais funcionários da escola e a família dos alunos estão sendo envolvidos nesse processo de letramento? A tarefa é só do educador?

As experiências vistas nessa viagem dão uma mostra de que a falta de livros já não parece um obstáculo a ser enfrentado na rede pública de Alagoas. Como fazer esses acervos circularem num ambiente adequado e com práticas eficientes de letramento literário talvez seja a pergunta mais apropriada para o momento. Será que a sociedade civil vem cobrando dos gestores públicos a implantação das bibliotecas escolares dentro do prazo estipulado pela Lei 12.244? Já faz cinco anos que a lei entrou em vigor, e de lá para cá quantas placas foram descerradas? E, enquanto o projeto da biblioteca não se concretiza, quem é responsável por libertar do “cárcere” os livros ainda encaixotados ou trancafiados em salas fechadas? É o secretário de Educação, ou são todos os educadores da escola? Ou ambos?

Praticamente todas as escolas visitadas na capital e no interior alcançaram boas pontuações no Ideb e ainda não possuem biblioteca – o cenário indispensável para a aquisição da leitura literária. Mesmo assim, desde 1997, milhares de livros de literatura são enviados às escolas pelo MEC. Uma parte desse acervo está sendo disponibilizada à consulta. As experiências concretas revelaram diferentes modos de

fazer a leitura acontecer. Mas em que grau as práticas de mediação utilizadas estão contribuindo para a formação de leitores para além dos muros da escola?

O modo como Graciliano aprendeu a ler na infância se tornou obsoleto, o uso da palmatória foi abolido nos lares e bancas de estudo. Mas o ambiente de acesso ao livro, em Alagoas, ainda conserva alguns traços leves de opressão. Alunos lendo por obrigação ou limitando as linhas abertas do texto literário a objetivos meramente pedagógicos; pouco estímulo à leitura em casa, pelo descompromisso ou pelo nível educacional precário da família; confusão entre disponibilidade e acesso, uma considerável oferta de livros para um potencial baixo de acessibilidade; professores, em grande parte, agindo intuitivamente ou até mesmo despreparados para o desafio da leitura, sendo desafiados ou constrangidos a ensinar como tornar um hábito aquilo que não aprenderam a ter afeto.

Leitura é afetividade. Experiência construída. Descoberta e encantamento. Antes de escrever, o menino Graciliano mergulhou numa biblioteca, se fez leitor e aprendeu a cativar os livros por toda sua existência. Dos mais de 450 mil viventes das Alagoas que lotam as bancas hoje do fundamental, quantos cumprirão a travessia até o fim, cruzando os portões da escola pública como leitores plenos, quem sabe até escritores? Quantos erguerão, nesse ambiente tomado de contradições, uma ponte sólida entre o mar de histórias com roteiro planejado e o amor livre, profundo e duradouro aos livros?



O escritor Graciliano Ramos (1892-1953).